

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO MULTIDISCIPLINAR**

Tânia Augusta Fraga Ferreira

**CARTOGRAFIA DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA ALUNA
COM PARALISIA CEREBRAL**

**Tramandaí,
2022**

Tânia Augusta Fraga Ferreira

**CARTOGRAFIA DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA ALUNA
COM PARALISIA CEREBRAL**

Pesquisa apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, realizado sob orientação da
Prof.^a Dr.^a. Graciele Marjana Kraemer

Tramandaí
2022

Tânia Augusta Fraga Ferreira

**CARTOGRAFIA DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA ALUNA
COM PARALISIA CEREBRAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Pedagoga e aprovado em sua forma final pelo Curso Pedagogia, obtendo conceito **A**.

Tramandaí, 15 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Graciele Marjana Kraemer
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Ms. Luciane Bresciani Lopes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Adiel Philipe Leão da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Tânia Augusta Fraga
Cartografia do processo escolar de uma aluna com
Paralisia Cerebral / Tânia Augusta Fraga Ferreira. --
2022.
32 f.
Orientadora: Graciele Marjana Kraemer.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Inclusão escolar. 2. Paralisia cerebral. 3.
Desafios . 4. Possibilidades. I. Kraemer, Graciele
Marjana, orient. II. Título.

“Dedico esse trabalho ao meu marido Jucelino que foi capaz de suportar todos os meus momentos de estresse durante a minha caminhada. Gratidão meu amor.”

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Ao meu marido Jucelino e ao meu filho Cadu por me apoiarem em todos os momentos e compreenderem minhas ausências, muito obrigada.

A minha mãe e irmãs pelo incentivo e apoio nos momentos difíceis, muito obrigada.

A minha amiga e colega Maurília que foi a incentivadora para a realização deste sonho, obrigada amiga.

Aos professores, por todos os ensinamentos, pela ajuda e pela paciência com o qual guiaram o meu aprendizado, meu muito obrigada.

Em especial a Professora Graciele por ser incansável, meu muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho aborda o processo de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral. A metodologia adotada é a cartografia com estudo de caso, na intenção de analisar as práticas mobilizadas em vista da promoção da inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral. Para o estudo desenvolvido parte-se do seguinte problema: Como ocorre a inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral em uma escola de educação básica da rede pública estadual de ensino? Em vista da análise desenvolvida, foi organizado o objetivo geral, qual seja, Analisar como ocorre o processo de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral na rede pública de ensino de um município do litoral norte do Rio Grande do Sul. Assim, inicialmente tornou-se necessário compreender de modo amplo alguns conceitos que estruturam aspectos elementares no desenvolvimento de sujeitos com paralisia cerebral. Este estudo mobiliza a autora a desenvolver um processo analítico acerca dos desafios e possibilidades na educação de alunos com paralisia cerebral a partir das vivências por ela estabelecidas em uma escola da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Conclui-se que o aluno com paralisia cerebral requer uma abordagem única, pois apresenta particularidades, que faz com que os professores necessitam de conhecimentos específicos e aperfeiçoamento constante nas questões que embasam o desenvolvimento de sujeitos com paralisia cerebral. Isso além do investimento na formação docente, implica uma reestruturação do currículo considerando-se para tal, as diversas possibilidades de desenvolvimento, aprendizagem e participação de estudantes com paralisia cerebral na escola pública. Portanto, a inclusão escolar constitui um movimento complexo, que em certas circunstâncias exige que determinadas verdades sobre o desenvolvimento cognitivo sejam suspensas em vista da afirmação política da diferença.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Paralisia Cerebral. Desafios e Possibilidades.

LISTA DE SIGLAS

PC - Paralisia Cerebral

RS - Rio Grande do Sul

NEE - Necessidades Educativas Especiais

AEE - Atendimento Especializado Especializado

PPP - Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. APRESENTAÇÃO | 9 |
| 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS | 12 |
| 3. A PARALISIA CEREBRAL | 15 |
| 4. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| REFERÊNCIAS | 31 |

1. APRESENTAÇÃO

A experiência como monitora em escola pública, atuando com alunos com deficiência, durante o processo de formação em licenciatura em Pedagogia, motivou o interesse pela presente pesquisa. Trata-se de uma análise, a partir da metodologia da cartografia, sobre a inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral. Não objetivo no presente estudo desenvolver uma discussão de ordem binária avaliando se a inclusão de alunos com paralisia cerebral na rede regular de ensino é benéfica ou não ao desenvolvimento da criança. Muito pelo contrário, neste estudo busco desenvolver uma análise que objetiva, entre outros aspectos, tensionar desafios e perspectivas na inclusão de alunos com paralisia cerebral, considerando para tal, as condições de acesso, permanência, desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos escolares.

Para este trabalho, volto meu olhar para as minhas próprias experiências no cotidiano escolar. Para isso, apresento cenas escolares, que significam práticas pedagógicas na educação e no desenvolvimento de uma aluna com paralisia cerebral, incluída na rede pública de ensino de um município do litoral norte do Rio Grande do Sul (RS). Sob esta incursão acadêmica e profissional, desenvolvo uma pesquisa que tem por tema os desafios e as possibilidades de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral e para o desenvolvimento metodológico do estudo, organizo o seguinte problema de pesquisa: **Como ocorre a inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral em uma escola de educação básica da rede pública estadual de ensino?**

Compreendo que a inclusão escolar de alunos com deficiência na rede regular de ensino implica distintos movimentos, tanto na ordem político-institucional, quanto na organização didática, mobilizada pela experiência pedagógica. Assim, tratar da inclusão de alunos com deficiência, requer olhar com cautela para aquilo que vem sendo produzido, tanto na engrenagem legal que sustenta a educação nacional, quanto no cotidiano escolar.

Os processos de inclusão escolar, instituídos legalmente nas últimas duas décadas em nosso país, nos mobilizam um permanente propósito acerca da educação de pessoas com deficiência a partir de contextos específicos do sistema educacional brasileiro. Quando presenciamos realidades complexas e desafiadoras, que mobilizam as práticas pedagógicas e que inferem na reconfiguração curricular e político-pedagógico das escolas públicas brasileiras, as intenções quanto às mudanças e adaptações quanto a este processo

são inevitáveis. Certamente a política de inclusão escolar tem mobilizado importante movimento para a efetivação do acesso de alunos com deficiência à educação nacional. Trata-se de um movimento político produzido a partir da primeira década do século XXI e que infere uma reconfiguração institucional relevante às escolas de nosso país. Contudo, desafios significativos para a promoção de condições de permanência, de desenvolvimento e de aprendizagem dos estudantes com deficiência na escola, permeiam as discussões acadêmicas destes últimos anos, podendo afirmar que a política de inclusão escolar ainda encontra-se em processo de implementação e consolidação, o que sinaliza que ainda temos muitas discussões sobre esse tema tão singular.

A inclusão escolar segundo previsto na Súmula da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) compreende:

Um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (Súmula Cad. CEDES, 2008)

A inclusão escolar constitui um movimento amplo, não se restringe a aspectos relacionados à acessibilidade, mas fundamentalmente implica um movimento político-pedagógico que efetive condições de permanência e de aprendizagem de todos os sujeitos escolares, entre eles, os alunos com deficiência. Isso implica um comprometimento com práticas e planejamentos específicos, que contemplem as potencialidades dos sujeitos e assim, promovam processos de aprendizagem.

Na lógica da justiça social, os direitos individuais entre eles, o direito ao desenvolvimento pleno de cada indivíduo, respeitando suas particularidades e tempos de aprender, constitui-se princípio fundamental da inclusão escolar. Sob este prisma, no presente estudo, desenvolve-se uma análise, a partir de cenas escolares de uma aluna com paralisia cerebral, acerca do processo de inclusão escolar por ela vivenciado. Trata-se de um estudo de caso, mobilizado pela análise da prática pedagógica. Por este motivo, não se objetiva fazer uma leitura de crítica ao trabalho docente desenvolvido, mas o tensionamento das ações mobilizadas para, a partir disso, potencializar outros olhares para a inclusão de alunos com paralisia cerebral.

Justifica-se esta pesquisa em vista da especificidade no empenho de práticas pedagógicas, que mobilizam saberes específicos e que acionam processos singulares no

desenvolvimento do estudante com paralisia cerebral. Portanto, trata-se de um estudo que busca compreender a dinâmica da inclusão de uma aluna com paralisia cerebral na educação básica de uma escola pública da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Com isso, entendo que são constituídas possibilidades de análises outras, a partir de lentes teóricas específicas que não fundamentam a análise na ordem de enquadramentos binários, mas que buscam ampliar possibilidades de leitura do desenvolvimento acadêmico. Para tal, organizo o seguinte objetivo geral, analisar como ocorre o processo de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral na rede pública de ensino de um município do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. Este objetivo passa a ser desdobrado nos seguintes objetivos específicos: a) Compreender como ocorre o processo de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral na rede pública de ensino; b) Analisar como são desenvolvidas estratégias pedagógicas para a promoção do desenvolvimento da aluna com paralisia cerebral; c) Discutir aspectos pedagógicos para a inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral na rede pública de ensino.

Apresentadas as questões iniciais da pesquisa, que tratam da motivação, do problema e dos objetivos a serem desenvolvidos, passo na sequência a apresentar o percurso metodológico que sustenta o presente estudo.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa parte de uma perspectiva metodológica cartográfica em vista de analisar práticas mobilizadas para a inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral. Para tal, realiza-se uma análise acerca de cenas escolares que contemplam o desenvolvimento pedagógico da referida aluna, incluída em uma escola da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. São trazidas diferentes cenas escolares que compõem o enredo analítico de uma pesquisa de cunho cartográfico. As cenas escolares foram transcritas do Diário da professora regente da turma 52, e da monitora da aluna.

A cartografia compreende uma perspectiva de pesquisa que aciona múltiplos olhares para diferentes questões. Para compreender diálogo com Passos e Barros (2009, p.17), em vista de compreender que,

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.

Na pesquisa cartográfica o pesquisador constrói um caminho para trabalhar, elaborando, no desenvolvimento da análise das cenas as possíveis variáveis dos fatos. Sob este prisma Costa (2014, p.70) destaca que,

O pesquisador-cartográfico não sabe, de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá ter e o que estes mesmos encontros poderão acarretar. O cartógrafo, de certa forma, é um amante do acaso, ele está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho.

Portanto, temos no método cartográfico de pesquisa uma variável aberta de possibilidades e potencialidades para o pesquisador organizar o estudo a ser desenvolvido. Ao pensar o princípio da cartografia, torna-se fundamental uma reflexão do e no sentido abrangente das formas de constituição dos sujeitos, das práticas e dos processos que constituem formas de vida específicas. Assim, na cartografia o pesquisador trabalha com o impensado e isso mobiliza-o a não implicar-se apenas com o já dito, mas o que está por dizer sobre, pois “a pesquisa cartográfica é menos a descrição do estado das coisas do que o acompanhamento de processos” (Alvarez; Passos, 2009, p. 141).

Nessa lógica, pode-se evidenciar a maleabilidade do método cartográfico no

desenvolvimento da pesquisa. A ampla diversidade de possibilidades de abordar a realidade social e observar as singularidades que a contemplam possibilitam que a pesquisa recorte questões que emergem de realidades específicas. Portanto, a cartografia auxilia a criar redes entre conceitos e acontecimentos, entre o pensamento e o afeto, pois, segundo Cunha (2019), a cartografia passa a ser entendida como metodologia que está implicada com um processo investigativo aberto, sobreposto, que caminha em diversas direções.

Assim, quando o pesquisador analisa questões específicas da prática pedagógica, sob o prisma da diferença enquanto condição política dos sujeitos e toma a cartografia enquanto possibilidade metodológica, passam a ser desenvolvidos estudos de situações únicas e singulares. Isso mobiliza a pesquisa no sentido de atuar politicamente no engajamento de estudos acerca da diferença. O que requer do pesquisador a ciência de trabalhar sobre um mapa aberto, fluido, permeado de singularidades.

A pesquisa cartográfica busca acompanhar um processo e não representar um objeto. De acordo com Oliveira, (2015) a cartografia tem sido utilizada em pesquisas de campo, no estudo da subjetividade e se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Portanto, um movimento importante para o pesquisador é olhar para estudos já desenvolvidos e que ajudam a sustentar a perspectiva da pesquisa cartográfica e para isso, organizei um quadro de trabalhos que me auxiliam a analisar a inclusão de uma estudante com paralisia cerebral na escola.

Tabela 01: Lista de referências que subsidiam a análise da Pesquisa acerca da inclusão de alunos com paralisia cerebral

| Autor | Ano | Título | Curso |
|-----------------------|------------|---|-------------------|
| Silva, Santos e Ribas | 2011 | Inclusão de alunos com paralisia cerebral no ensino fundamental: contribuições da fisioterapia | Fisioterapia |
| Alves e Martins | 2017 | O método de pesquisa cartográfica como estratégia de formação para educadores-pesquisadores | |
| Mendes | 2021 | A inclusão do aluno com paralisia cerebral: o papel da escola, desafios e construções | Educação Especial |

| | | | |
|---------------------------|------|---|------------|
| Coll, Marchesi e Palacios | 2010 | Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais | Psicologia |
|---------------------------|------|---|------------|

Fonte: organizado pela autora (2022).

A partir destes estudos, na presente pesquisa, foi realizado o acompanhamento de uma aluna com paralisia cerebral em processo de inclusão escolar. A partir da perspectiva cartográfica, não se parte de pré-determinações, mas de uma implicação investigativa por meio de observações cotidianas que sustentaram o percurso da análise. Desta forma, foi possível entender e descrever os cenários encontrados no dia a dia, obtendo assim um pequeno recorte do processo de inclusão escolar da estudante. Tratou-se de olhar para as práticas pedagógicas operadas no desenvolvimento diário da estudante, compreendendo processos de adaptação da realidade conforme as necessidades individuais da aluna, visando atingir objetivos pedagógicos comuns para o nível e idade escolar.

A perspectiva do método cartográfico compreende neste estudo, a partir das cenas escolares, uma análise dos processos e práticas de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral. Para a análise foram descritos momentos de aprendizagem/ensino, o que permitirá a análise das estratégias pedagógicas utilizadas, além de discutir possibilidades para desenvolver processos de ensino/aprendizagem em vista de resultados mais específicos a curto, médio e longo prazo. A descrição das cenas escolares possibilita pequenas composições contidas no processo de inclusão escolar da aluna, onde múltiplos olhares são possíveis.

3. A PARALISIA CEREBRAL

Ao considerar que a inclusão escolar de alunos com paralisia cerebral constitui importante desafio para a estruturação curricular e o planejamento pedagógico, entendo ser necessário destacar alguns aspectos que caracterizam os sujeitos com paralisia cerebral.

Segundo Basil (2004, p. 215) o termo costuma ser empregado como uma denominação geral para englobar transtornos diversos, que têm em comum alguma perda do controle motor, causada por uma lesão encefálica. Conforme Basil, 2004 Paralisia cerebral (PC) não é uma doença, mas um quadro ou um estado patológico, por isso a PC não pode ser curada, a lesão quando existente é irreversível. É importante salientar, entretanto, que quando há reabilitação física e as intervenções educativas forem adequadas, o quadro de desenvolvimento do sujeito pode apresentar importantes progressos.

Na literatura que trata das questões relacionadas à Paralisia Cerebral, verifica-se uma ampla variedade de compreensões. Essa complexidade requer um olhar pedagógico atento pois parte do princípio de compreender a singularidade do sujeito com paralisia cerebral, ou seja, um indivíduo único com características, potencialidades e limitações específicas. As causas da Paralisia Cerebral contemplam diversos fatores, dentre eles, é possível destacar os resultados de má formação ou lesão cerebral. Esse processo - de má formação ou lesão cerebral - pode decorrer nos período pré-natal, antes do parto, perinatal, no momento do parto, ou pós-natal, depois do parto.

Conforme Mendes (2021), as causas de má formação geralmente são desconhecidas, podendo ser, anormalidade cromossômica, distúrbios genéticos e ainda, falta ou escassez de fluxo de sangue para o cérebro. Já o dano neurológico é resultado de uma lesão no cérebro que pode ocorrer durante ou após o nascimento. E essas lesões podem ser causadas por complicações do parto, sendo esses partos difíceis ou prolongados, parto prematuro ou trauma cerebral que pode ser causado pela falta de oxigênio ou infecção e malformação cerebral.

Há distintas classificações para a Paralisia Cerebral a partir das características funcionais. Considera-se para tal a área do cérebro afetada - denominada por classificação Nosológica, ou então, a partir dos membros afetados - denominada de classificação

Topológica. Quando falamos na classificação Nosológica esta pode ser classificada em quatro tipos de acordo com Mendes (2021), sendo elas:

Espástico ou piramidal, presente em torno de 70 a 80% dos casos de sujeitos com Paralisia Cerebral. Neste caso, a lesão está no sistema piramidal e se caracteriza pela incapacidade e pela rigidez de controlar os músculos, apresentando excesso de tonicidade muscular (hipertonía).

Atetóide ou extrapiramidal, presente em torno de 10 a 15 % dos casos de Paralisia Cerebral, estando a lesão localizada no núcleo dos hemisférios cerebrais. Neste caso há aspectos que interferem nos movimentos involuntários, contínuos, lentos e contorcidos. O sujeito com Paralisia Cerebral apresenta dificuldade de controlar a salivação e o controle da cabeça.

Atáxica ou cerebelosa, está presente em torno de <5% dos casos de Paralisia Cerebral. Neste caso, a lesão encontra-se quase sempre no cerebelo, caracteriza-se pela perda ou irregularidade da coordenação muscular, tendo dificuldade ou incapacidade de manter a coordenação motora. A ataxia raramente aparece sozinha e costuma manifestar-se associada à atetose.

Forma mista resulta de uma combinação dos tipos, apresentando um quadro de incapacidade severa em muitos indivíduos. A combinação mais comum é a espasticidade e atetose, e a menos comum a ataxia e atetose.

Já sobre a Classificação Topológica, esta é categorizada conforme os membros afetados. Assim temos a seguinte distribuição:

| Tipos | Membros afetados |
|-----------------------------|--|
| Monoplegia ou Monoparesia | Afeta somente um membro, em um dos lados do corpo |
| Diplegia ou Dispareisia | Os membros inferiores estão mais afetados que os superiores. (pernas) |
| Paraplegia ou Paraparesia | São afetados os dois membros inferiores |
| Tetraplegia ou Tetraparesia | Estão afetados os membros inferiores e superiores podendo haver prejuízos nos músculos faciais usados na alimentação e |

| | |
|--|---|
| | fala. Há dificuldades nas atividades diárias. |
|--|---|

Fonte: organizado pela autora (2022).

Destacadas estas características do campo clínico que aborda a paralisia cerebral, passo na sequência a discutir questões que englobam a educação de alunos com paralisia cerebral.

4. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL

A inclusão escolar de alunos com paralisia cerebral (PC), deve ocorrer de forma multidisciplinar, pois prevê-se que a criança com paralisia cerebral seja desenvolvida a partir da colaboração de outros profissionais, tais como fisioterapeuta, psicopedagogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional. Esta perspectiva multidisciplinar pode contribuir no processo de desenvolvimento do aluno. A família da aluna busca junto com a escola e os profissionais multidisciplinares que a atendem, desenvolver um trabalho articulado, em vista do desenvolvimento dela.

A escola que a aluna está inserida, fica localizada no litoral Norte, é uma escola de Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano, possui dez turmas distribuídas nos dois turnos, com aproximadamente 200 alunos. A escola não possui sala de AEE, mas tem parceria para o atendimento dos alunos de inclusão, a escola conta com supervisão escolar 40h e orientação escolar 20h, a turma que aluna frequenta conta com a professora regente e o professor de Educação Física e a monitora que atende demandas específicas da estudante.

O professor de um aluno com paralisia cerebral passa a compreender que a inclusão escolar desses sujeitos implica um olhar atento para suas potencialidades de desenvolvimento. Trata-se de um desafio complexo que requer, entre outros aspectos, um olhar atento para a singularidade do sujeito. Sob este enfoque, trago a primeira cena do estudo de caso que desenvolvi. Importa destacar que o nome da aluna é fictício em vista dos princípios éticos da pesquisa.

Catarina¹, uma menina de 10 anos de idade, passa a frequentar uma escola da rede regular de ensino do município de Palmares do Sul no ano de 2021. Trata-se de um ano escolar distinto, pois em meio a Pandemia de Covid-19, as atividades escolares são desenvolvidas de forma remota, sem a presença no ambiente escolar de estudantes e profissionais da instituição. Assim, as atividades escolares são desenvolvidas via plataforma virtual, ou seja, aulas remotas por meio do chamadas no Mett. Um ano de atividades remotas e de distanciamento social, desafios que marcam a educação de Catarina com diagnóstico de Paralisia Cerebral. Além disso, Catarina é usuária de

¹ Nome fictício designado visando proteger a identidade da aluna.

cadeira de rodas, e precisa de ajuda para manter-se em postura sentada, ela não afirma a cabeça, possui sérias dificuldades motoras, tendo nos membros superiores severo comprometimento. Catarina ainda faz uso de fralda e tem dificuldade de alimentação, podendo ingerir somente alimentos pastosos. Ela é uma menina não-verbal e desenvolve a comunicação somente por meio de expressões faciais demonstrando contentamento ou desagrado ou desconforto, conforme determinada expressão. Apresenta convulsões focais em distintos momentos durante sua jornada diária na escola. Segundo relato da família, esta é a primeira vez que Catarina frequenta a escola por um período integral, de 3 a 4 horas e neste contexto, Catarina é alimentada e higienizada por monitores da escola.

O sujeito com paralisia cerebral tem suas características e singularidades, e sob esta condição, as adaptações curriculares para a promoção da inclusão escolar, não se tornam produtivas quando estruturadas em uma perspectiva fixa e imutável. Cada aluno tem suas particularidades de desenvolvimento e isso deve ser considerado no processo de inclusão escolar, pois segundo Sacristán, “quando definimos o currículo estamos descrevendo a concretização da própria escola e a forma particular de enfocá-las num momento histórico e social determinado, para um nível ou modalidade de educação, numa trama institucional, etc.” (2000, p.15). Trata-se portanto, de considerar o currículo a partir de uma perspectiva flexível, que compreende potencialidades de desenvolvimento, aptidões, dificuldades e processos singulares de aprendizagem.

Contudo, nos documentos analisados, sendo eles o Projeto Político Pedagógico da escola, o regimento escolar, as cenas escolares, e nas conversas informais com os professores da escola e principalmente com os professores da aluna, verifica-se um processo significativo de desinformação por parte dos docentes e profissionais que atuam na educação, em específico, das peculiaridades que englobam o desenvolvimento de sujeitos com paralisia cerebral. A formação docente é prevista no Plano Nacional de Educação pela Lei n.º 10.172/2014, e também no Plano Estadual de Educação Lei Nº 14.705 de 25 de junho de 2015, enquanto investimento a ser previsto na década de 2014 a 2024. Nesta política da educação nacional são elencados os seguintes objetivos para a formação de professores na educação de alunos com deficiência:

Incluir nos currículos de formação de professores, nos níveis médio e superior, conteúdos e disciplinas específicas para a capacitação ao atendimento dos

alunos especiais.

Incluir ou ampliar, especialmente nas universidades públicas, habilitação específica, em níveis de graduação e pós-graduação, para formar pessoal especializado em educação especial, garantindo, em cinco anos, pelo menos um curso desse tipo em cada unidade da Federação.

Introduzir, dentro de três anos a contar da vigência deste plano, conteúdos disciplinares referentes aos educandos com necessidades especiais nos cursos que formam profissionais em áreas relevantes para o atendimento dessas necessidades, como Medicina, Enfermagem e Arquitetura, entre outras.

Incentivar, durante a década, a realização de estudos e pesquisas, especialmente pelas instituições de ensino superior, sobre as diversas áreas relacionadas aos alunos que apresentam necessidades especiais para a aprendizagem. (BRASIL, 2014, on-line).

Cabe salientar o Plano Estadual de Educação, instituído pela Lei n.º 14.705/15, que na meta 4, determina a garantia de atendimento educacional especializado e principalmente a capacitação e qualificação destes profissionais, conforme estabelecido nas seguintes estratégias:

4.8 Oferecer aos professores cursos de especialização para atendimento a alunos público alvo da educação especial na perspectiva inclusiva, incluindo indicadores nos sistemas de avaliação existentes para aferição de qualidade dos serviços e apoios pedagógicos especializados aos alunos público alvo da educação especial;

4.29 Oferecer aos professores cursos de formação específica para atender a demanda de alunos com diversas deficiências e os superdotados. (RIO GRANDE DO SUL, 2015, online)

Em contraponto a estes investimentos previstos para a formação docente, cabe destacar que os docentes relatam que a condição do aluno com paralisia cerebral, traz além das dificuldades de comunicação e motoras outras barreiras que inviabilizam processos de inclusão escolar. Este é um aspecto fundamental a ser considerado em vista do investimento na formação continuada dos docentes. Segundo Basil (2004), as necessidades dos sujeitos com deficiência devem ser vistas mais como um desafio do que um obstáculo. Para o autor o docente deveria compreender o aluno com paralisia cerebral como um estudante, que ele acompanha, assim como todos os outros, considerando todas as suas potencialidades e oportunizando seu desenvolvimento e aprendizagem. A partir dessa compreensão, destaco outra cena escolar da aluna com paralisia cerebral em processo de inclusão escolar. Trata-se de uma cena que retrata uma atividade de educação física.

Em uma atividade específica do componente curricular de Educação Física, Catarina

foi colocada no tatame para desenvolver determinada atividade, conforme previsto pelo professor. Nesta proposta o professor buscou observar a capacidade motora e as respostas a estímulos sensoriais. Catarina foi deitada de bruços e o professor a estimulou a engatinhar, tentando chegar nas bolas coloridas dispostas na outra extremidade do tatame. No desafio proposto, Catarina conseguiu alcançar as bolas por meio da ação de engatinhar e ela demonstrou contentamento e felicidade ao conseguir realizar o desafio proposto pelo professor. Catarina quando deitada com o peito virado para cima, conseguiu virar na posição de bruços para ir engatinhando em busca das bolas depositadas na outra extremidade do tatame. A atividade proposta pelo professor foi desenvolvida pela aluna e com isso, o professor desenvolveu outras pequenas atividades relacionadas ao corpo de Catarina em vista de compreender seus reflexos a determinados estímulos.

A partir desta cena, destaco que a formação docente é outro ponto crítico no debate sobre o processo de inclusão escolar de estudantes com paralisia cerebral. Estudos como os de Cruz e Glat (2016), Glat e Pletsch (2013) e Vitalino (2010) enfatizam a importância da formação dos professores comprometidos com o contexto atual e com as políticas implementadas. Na relação formação dos professores e Educação Especial, observam-se debates generalistas sobre a inclusão, abordando de forma ampla as questões que englobam especificidades no desenvolvimento, interação, participação e aprendizagem dos sujeitos público-alvo da Educação Especial.

Araújo *et al.* (2010), em pesquisa realizada, afirmam que a formação dos professores na área da inclusão e no atendimento de estudantes com deficiência não tem aprofundado questões específicas da inclusão das múltiplas questões que englobam o sujeito com deficiência e seu desenvolvimento. Assim, é preciso pensar a formação de professores articulada à realidade escolar de processos e práticas de educação de sujeitos singulares, em consonância com o que prevê a política educacional.

De acordo com o trabalho de Sousa *et al.* (2021), ainda hoje uma das barreiras para a promoção de uma perspectiva educacional inclusiva encontra-se inscrita em processos formativos ou de capacitação dos professores atenuados às dinâmicas complexas que envolvem os sujeitos com deficiência e sua aprendizagem. Destaca-se que, para atuar na educação, em uma perspectiva inclusiva, um dos requisitos para que a inclusão ocorra é o aperfeiçoamento dos profissionais da educação. É por meio do

investimento na formação continuada que outras práticas passam a ser mobilizadas na educação de sujeitos com deficiência. Parte-se de um processo que é condicionado de forma mais dinâmica, que compreende as especificidades individuais dos sujeitos, suas potencialidades e limitações. Esta compreensão das especificidades não limita a capacidade cognitiva do estudante à sua deficiência, muito pelo contrário, mobiliza práticas que se sustentam a partir das possibilidades individuais, considerando-se previamente o sujeito, seu desenvolvimento e os processos de interação social.

Melo e Martins (2007), em seu estudo verificaram que a realidade da maioria dos professores do ensino regular é de falta de formação específica acerca da educação de pessoas com deficiência. Sob esta ordem, os professores reiteram a insegurança profissional para atuar pedagogicamente com alunos com deficiência em processo de inclusão escolar. Ao compreender que a inclusão escolar objetiva o desenvolvimento de competências e a afirmação da identidade dos indivíduos, levando em conta suas singularidades e potencialidades, torna-se fundamental que a prática pedagógica seja mobilizada a partir de saberes que contemplem a experiência singular de desenvolvimento do sujeito. A perspectiva de educação inclusiva prevista nos documentos legais, entre eles a política de inclusão escolar, destaca o compromisso da educação nacional com a democratização e a equidade, a universalização, o acesso e a permanência, com o reconhecimento do direito à educação em uma formação plural (OMOTE, 2004; MENDES, 2021).

De acordo com Silva (2006), em vista da inclusão escolar de estudantes com deficiência, é preciso estar atento que, em se tratando do aluno com paralisia cerebral, a escola deve prever um conjunto de ações (adaptação do ambiente físico, do mobiliário escolar, dos recursos pedagógicos, entre outros) que permita a esse aluno o acesso ao currículo de modo a assegurar seu desenvolvimento e aprendizagem. Nesta condição, passo a trazer para o estudo a terceira cena da aluna com paralisia cerebral em processo de inclusão escolar.

Na sala de aula, enquanto a professora atende os outros alunos, passando o conteúdo ou dando uma explicação. Catarina acompanha a professora com os olhos, observando atentamente a fala e os movimentos da mesma. Quando a professora chega perto de Catarina para atendê-la, responde a perguntas simples sinalizando sim ou não, certo ou errado, tocando na mão da resposta desejada. A professora regente propôs exercício de

conhecimento e reconhecimento das cores, foi apresentado a Catarina fichas com várias cores, vermelho, amarelo, azul, verde e branco, onde a professora mostrava a cor e falava seu respectivo nome, num segundo momento a professora mostrava em uma das mãos uma cor e na outra mão outra cor e pedia para Catarina identificar uma delas, (na mão direita azul e na esquerda amarelo, Catarina onde está a cor amarela), assim Catarina sinalizava para a professora a cor solicitada. Catarina se mostra colaborativa e feliz com a atividade, demonstrando contentamento com os incentivos da professora a cada acerto.

Nesta cena, assim como em outras aqui apresentadas, verifica-se o quanto Catarina observa e se percebe inserida no ambiente escolar, sente-se pertencente à turma e ao grupo. Em vista da inclusão escolar, a necessidade de organização de um ambiente favorável à adaptação curricular torna-se crucial. Romper com uma perspectiva de currículo hermética requer mobilizar saberes na contramão das exigências dos conteúdos. Torna-se essencial que seja prevista a compreensão dinâmica do desenvolvimento da estudante, por meio do reconhecimento das suas habilidades e de processos de interação produtiva entre os sujeitos escolares.

As alterações, modificações ou acréscimos no currículo escolar, devem ser realizados a partir de um planejamento do Projeto Político Pedagógico da escola e não simplesmente a retirada ou acréscimo de conteúdos e avaliações. Existem conhecimentos que devem ser flexibilizados no currículo. De acordo com Minetto:

O currículo flexível que acolhe as adaptações curriculares tem na sua proposta pontos de destaque como, por exemplo, a compreensão de que a decisão da necessidade de adaptações não é individual (do professor ou do orientador), mas sim de responsabilidade de todos os envolvidos e, por isso, distribui responsabilidades, incluindo aí a família. O sucesso não depende somente de uma pessoa, mas da participação de todos (MINETTO, 2008, p. 67).

A inclusão é um processo que necessita e passa por toda rede de apoio: professores de salas regulares, professores de atendimento especializado, gestores, psicólogos e familiares. Para Mesquita e Rodrigues (1994) apud Morgado (2010, p.84) é necessário na formação dos professores do ensino regular na área de Necessidades Educativas Especiais, (NEE), aspectos como: “conceitos em educação especial, problemas de desenvolvimentos e implicações socioeducativas, adaptação curricular, metodologias de

intervenção, cooperação interdisciplinar e dinâmica familiar”.

As limitações dos alunos com PC ou mesmo outro tipo de deficiência motora devem ser vistas como um desafio, onde se deve considerar que o professor deve ajudar a desenvolver suas potencialidades. A auto análise das práticas psicopedagógicas no desenvolvimento de uma criança com PC, ajudará o professor a tornar-se um profissional atento não apenas às especificidades dos alunos com paralisia cerebral, mas para todos os demais (Cardoso, 2013).

Para Morgado (2010), "às boas práticas educativas, ocorrem quando os professores operacionalizam formas de diferenciação no seu trabalho, gerindo o currículo para todos os alunos do grupo, com convicção de que todos podem realizar progresso nos percursos educativos" (p.80). Por isso, desenvolver as capacidades e adaptar o currículo escolar é indispensável para a construção de uma sala de aula inclusiva.

O fazer pedagógico na educação inclusiva requer conhecimento prévio para que se alcance o objetivo desejado, portanto o professor carece de conhecimento para planejar a sua prática e assim obter êxito na inclusão de seu aluno. O investimento em conhecimentos de outro campo de saberes e a sua compreensão no desenvolvimento da prática pedagógica ajuda o professor a ver a criança com paralisia cerebral a partir de suas especificidades de aprendizagem. Desta forma, o profissional docente consegue otimizar diferentes propostas a partir de variados instrumentos em vista de efetivar a aprendizagem do aluno.

Nesta condição, cabe destacar que, o contexto educacional observado através da perspectiva cartográfica, ocorreu em momentos de aula e de recreios. A pesquisa adota uma postura observacional sem hipóteses e vai construindo sua análise através das situações observadas no caso deste trabalho cenas de momentos. Uma das questões norteadoras da observação foi compreender como ocorre a inclusão da aluna observada no contexto escolar, e neste percurso desenvolver uma análise sobre as estratégias pedagógicas acionadas em vista da inclusão escolar da estudante. Em vista do estudo proposto, apresento a quarta cena de Catarina.

| |
|---|
| De repente o sinal bate, as crianças correndo se espalham pelo pátio Catarina também vem, e não importa como, ela se une às crianças para sorrir e brincar. O olhar deles não |
|---|

é mais de estranheza. Elas se acostumaram a olhar-lá na cadeira de rodas. Aprenderam a conhecer seu sorriso e seu olhar nem sempre direcionado a eles. A brincadeira é Já tá pronto seu lobo? Catarina e a monitora fazem agora o papel de seu lobo. As crianças vibram a cada peça que seu lobo veste, na espera de correr... Catarina também está ansiosa pela melhor parte da brincadeira. O vento no rosto, promovido pelo movimento da cadeira, os gritos das crianças, a voz da monitora encorajando a pegar um deles. Risos, gritos e o olhar da felicidade de Catarina brincando com seus amigos, provando que a inclusão é cura e alegria.

Nesta cena é possível destacar o olhar de felicidade de Catarina, mesmo que a sua presença na escola traga junto a necessidade de adequações nos espaços escolares para que a acessibilidade seja efetivada na sala de aula, no banheiro com trocador (pois a aluna faz uso de fraldas), nas rampas de acesso aos distintos espaços e no refeitório, não é possível limitar uma política de inclusão escolar aos processos de acessibilidade arquitetônica. No caso de Catarina, as adequações arquitetônicas vieram junto a sua presença na escola. Entretanto, em vista de mais de uma década de política de inclusão escolar em nosso país, cabe tensionar que, essas adequações já deveriam fazer parte dos espaços escolares, as escolas deveriam em sua totalidade ter efetivados os recursos de adaptação arquitetônica para a promoção da inclusão escolar.

Além disso, a inclusão escolar enquanto movimento político pedagógico, infere em uma reconfiguração estrutural do ensino no Brasil. Desafios significativos tem se apresentado para a inclusão e a permanência de alunos com deficiências, e em especial os alunos com paralisia cerebral. Estes sujeitos, em determinadas circunstâncias, demandam outras estratégias pedagógicas no que se refere ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e de interação. Assim, passo a destacar mais três cenas que retratam a Catarina nas atividades escolares.

Em todas as aulas a professora procura envolver Catarina em algum momento, interagindo com os colegas. Além disso, Catarina é capaz de identificar cores, figuras e pessoas, escolhendo uma das mãos com alternativas.

Catarina aqui é o círculo e este é o quadrado. Qual é o círculo? Catarina aponta a mão certa, mesmo que na próxima vez, a mão esteja invertida. São nessas brincadeiras que se pode ver o conhecimento e a percepção do mundo de Catarina. Ela vibra com o

sucesso, mas também reconhece um tom de voz que a desaprova por algum motivo. Essa é Catarina com a possibilidade de ser ela mesma e suas potencialidades.

A aula começa, Catarina chega quieta. Parece que não está hoje para muitos amigos. Mas logo na chamada ela já muda, Catarina reconhece seu nome e como quem diz presente, abre um sorriso largo e se mostra feliz. A aula avança para as atividades, durante a brincadeira com as cores. Catarina demonstra seus conhecimentos e quão feliz está. Um colega vai até o lixo apontar o lápis, ao seu movimento Catarina interage com ele, iniciando um bate papo com o olhar, o colega responde chamando-a pelo seu nome. Nada passa despercebido pelos olhos brilhantes e ávidos de Catarina, que procura na professora o encorajamento. Durante a aula, Catarina nem sempre está disposta a todas as atividades. Às vezes, como quem foge para seu mundo, ela fica com o olhar perdido, parece que não entende o mundo a sua volta. Mas isso não é verdade Catarina tem sim vontades, desejos e demonstrar gostar ou não de uma tarefa. Logo Catarina se engaja na próxima brincadeira, identifica com esta o tempo, responde com seu jeito peculiar o sim e o não, o bom e o ruim, a brincadeira flui e Catarina mostra o quão gosta desse ambiente escolar.

Durante a aula, Catarina nem sempre está disposta a todas as atividades. Às vezes, como quem foge para seu mundo, ela fica com o olhar perdido, parece que não entende o mundo a sua volta. Mas isso não é verdade Catarina tem sim vontades, desejos e demonstrar gostar ou não de uma tarefa. Logo Catarina se engaja na próxima brincadeira, identifica com esta o tempo, responde com seu jeito peculiar o sim e o não, o bom e o ruim, a brincadeira flui e Catarina mostra o quão gosta desse ambiente escolar.

Chega a hora do lanche, Catarina precisa de um pouco de silêncio e concentração. Precisa se alimentar com alimentos pastosos e ouvir com calma para engolir cada colherada. Ela ouve atentamente a voz da monitora para que se alimente bem, com calma. Catarina fica atenta e presta atenção a tudo à sua volta.

A partir destas cenas, compreendo que o direito ao desenvolvimento através da educação, está contemplado na lógica de uma justiça social e neste pressuposto o aluno

com paralisia cerebral passa a ser inscrito enquanto cidadão. Este aluno, por meio de uma perspectiva inclusiva, requer abordagens pedagógicas únicas, uma vez que, são inúmeras as particularidades de desenvolvimento que devem ser respeitadas no processo de inclusão escolar. Em específico cabe destacar, o tempo de aprendizagem desse aluno em processo de inclusão escolar.

Neste estudo não busquei objetivo tecer críticas das atuações pedagógicas referentes a aluna observada em seu processo educacional. Muito pelo contrário, pretendi trazer questões importantes que entendo serem necessárias em vista de discussões mais amplas acerca da política de inclusão escolar. Trata-se de pensar a efetivação de um ambiente em que o aluno sinta-se parte de todo o processo de escolarização, sentindo-se acolhido e respeitado.

No que se refere ao conteúdo curricular, não conseguimos uma documentação que regule e rege as necessidades da aluna no processo de inclusão escolar, assim as particularidades e as possibilidades de superação desses alunos são na verdade tentativas de ações pedagógicas mobilizadas a partir das experiências pedagógicas dos docentes e dos saberes que acompanham sua prática. As ações pedagógicas se centram na fundamentação teórica que respalda a sua prática e na ação criativa dos profissionais envolvidos.

Observamos que se faz necessário uma formação continuada que fornece ao educador conhecimento e informação sobre deficiências e suas especificidades dando ao educador conhecimento, aprofundamento e técnicas de como trabalhar de forma positiva, sem medos e preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o processo de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral na educação básica da rede escolar estadual do litoral norte do Rio Grande do Sul. Para responder ao questionamento do tema proposto utilizou-se como metodologia a cartografia embasada em estudo de caso. Este estudo parte da experiência da autora com a educação de uma aluna com paralisia cerebral, em processo de inclusão escolar.

Os objetivos que mobilizam a presente pesquisa foram definidos em consonância com o problema de pesquisa que tenciona como ocorre o processo de inclusão escolar de uma aluna com paralisia cerebral. Assim, buscou-se analisar como são desenvolvidas as estratégias pedagógicas para a promoção do desenvolvimento desses alunos e discutir aspectos pedagógicos para a inclusão escolar de um aluno com paralisia cerebral.

Através da compreensão das questões que contemplam a especificidade de desenvolvimento dos sujeitos com paralisia cerebral, em uma análise cartográfica podem ser constituídas possibilidades distintas a nortear o trabalho do professor. São questões que viabilizam outras possibilidades na organização das adaptações e das práticas pedagógicas que venham a ser desenvolvidas em todo o processo educacional de alunos com paralisia cerebral. Assim, por meio de um estudo de caso pretendemos mostrar os desafios e possibilidades da educação de alunos com paralisia cerebral. Neste movimento, evidencia-se a necessidade dos professores investirem na formação continuada de forma a ampliar o repertório de conhecimentos que englobem estratégias para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno com paralisia cerebral.

Assim, apesar de toda a experiência profissional que o professor possa ter, muitas vezes sente-se despreparado para atender alunos com particularidades tão significativas. Apesar dele buscar junto à instituição uma formação continuada, muitas vezes esse profissional sente-se perdido neste processo. A escola, o professor, a família precisam trabalhar juntos em vista da promoção do desenvolvimento do aluno com paralisia cerebral. Os professores que atendem a aluna Catarina desafiam-se diariamente para contemplar os aprendizados da aluna, buscando técnicas, meios e ferramentas que venham proporcionar o aprendizado proposto nessa prática pedagógica.

O aluno com paralisia cerebral, em vista da especificidade de seu desenvolvimento, requer do docente uma abordagem pedagógica singular. Trata-se em específico de considerar as especificidades do estudante a partir de sua compreensão das propostas pedagógicas que são mobilizadas no cotidiano escolar. Em vista de uma perspectiva de inclusão escolar de alunos com paralisia cerebral, torna-se crucial compreender o sujeito em sua potência singular de desenvolvimento e de aprendizagem. Neste aspecto, a perspectiva metodológica assumida no presente estudo parte da compreensão mais fluída dos processos educacionais, dito de outro modo, não foi o objetivo desta análise a descrição linear e sistemática das práticas pedagógicas operadas na educação de uma aluna com paralisia cerebral. Buscou-se ao contrário, na potência de alguns momentos, pelas cenas escolares, mobilizar uma discussão que compreenda a singularidade das questões que envolvem a aluna e o retrato de momentos distintos da ação pedagógica em vista de uma analítica mais dinâmica do processo de inclusão escolar.

Os saberes pedagógicos mobilizados em vista do desenvolvimento do estudante devem ser pautados no Projeto Político Pedagógico da instituição e isso requer envolver todos os atores, para um trabalho em rede e articulado de forma dinâmica. Para tal, o conteúdo curricular passa a ser mobilizado em distintas estratégias, dentre elas, pela significação de ações muito específicas, que fogem de um padrão de desenvolvimento previamente estabelecido. Sob esta condição, entendo que a inclusão escolar constitui um movimento complexo, que em certas circunstâncias exige que determinadas verdades sobre o desenvolvimento cognitivo sejam suspensas em vista da afirmação política da diferença.

Destaco que, a escola em que a aluna está inserida tem um longo caminho a percorrer, sendo que o Projeto Político Pedagógico da instituição não contempla a promoção de um currículo que contemple as especificidades de desenvolvimento de estudantes com deficiência. Dito de outro modo, é necessário que a instituição escolar contemple em seu projeto político pedagógico as especificidades e singularidades do aluno em vista da promoção de um processo de inclusão escolar. Lamentavelmente ainda a escola acaba adaptando as condições de trabalho e de estruturação curricular, conforme a necessidade do momento.

O tema abordado mostra a implicação da docência como uma formação humana integral. Destaco que o trabalho desenvolvido possibilitou outros

questionamentos, tensionamentos, modos de reflexão acerca da especificidade de cada sujeito escolar. Isso, em minha análise, proporciona ao educador mais conhecimento e melhores técnicas na forma de trabalhar com os alunos com paralisia cerebral e outras deficiências em processo de inclusão escolar. E por fim, faz assumir a ação pedagógica enquanto prática subversiva, incisiva, pertinente e potente.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, v. 2, 2009.
- ALVES, Roger; MARTINS, Márcio André Rodrigues. O Método de pesquisa Cartográfica como estratégia de formação para educadores-pesquisadores. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 9, n. 1, 2017.
- ARAÚJO, Marcos. *et al.* Formação de professores e inclusão escolar de pessoas com deficiência: análise de resumos de artigos na base SciELO. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 27, n. 84, p. 405-416, 2010.
- BASIL, Carmen. Os alunos com paralisia cerebral e outras alterações motoras. In C. César. M. Álvaro & P. Jesús. (Eds), **Desenvolvimento psicológico e educação – vol 3. Transtorno do desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. Porto Alegre: Artmed. 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Plano Nacional de Educação**. Lei n.º 10.172/2014.
- CARDOSO, M. Paralisia Cerebral: possibilidades na aprendizagem escolar. 2013.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação -Vol. 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. Penso Editora, 2016.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014)**, p. 65-76, 2014.
- CUNHA, Claudia Madruga. Princípios da cartografia e o pensamento da diferença em Deleuze - o que quer a pesquisa cartográfica? **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 14, n. 3, p. 934-959, 2019.
- CRUZ, Gilmar de Carvalho.; GLAT, Rosana. Educação inclusiva: desafio, negligência e responsabilidade dos cursos de graduação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 52, p. 257-273, abr./jun. 2016.
- GLAT, Rosana.; PLETSCHE, Marcia Denise. (org.). Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- GRIBOSKI, Cláudia Maffini et al. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008.
- MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de; MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral na classe regular: a organização da escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, p. 111-130, 2007.
- MENDES, Cleoneide Vieira de Souza. **A Inclusão do Aluno com Paralisia Cerebral: o Papel da Escola, Desafios e Construções**. 2021. Tese de Doutorado.

MINETTO, Maria de Fátima.: **Currículo na Educação Inclusiva: Entendendo esse desafio.** 2ª ed. Curitiba: IBEPEx, 2008.

MORGADO, José Carlos. Os desafios da educação inclusiva - fazer coisas certas ou fazer certas as coisas. In L.M.Correia. (Ed), **Educação especial e inclusão-quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo.** (pp.80-84). Porto: Porto Editora. 2010.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Como “produzir clarões” nas pesquisas em educação? **Revista de Educação Pública**, v. 24, n. 56, p. 443-454, 2015.

OMOTE, Sadao. Estigma no tempo da inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 10, n. 3, p. 287-308, 2004.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Plano Estadual de Educação. **Lei: 14.705/2015**, Secretaria Estadual de Educação, Porto Alegre, 2015.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Penso Editora, 2000.

SILVA, Adilson Florentino da. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física.** Brasília: MEC/SEESP, 2006. 67 p.

SILVA, Simone Massaneiro; SANTOS, Rosângela Ribeiro de Castro Neri; RIBAS, Cristiane Gonçalves. Inclusão de alunos com paralisia cerebral no ensino fundamental: contribuições da fisioterapia. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, n. 2, p. 263-286, 2011.

SOUSA, Neide Maria Fernandes Rodrigues *et al.* A inclusão escolar do aluno com paralisia cerebral: a percepção dos professores do ensino fundamental. **Educação: Teoria e Prática**, v. 31, n. 64, p. e03, 2021.

Súmula: política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Cadernos CEDES [online]. 2008, v. 28, n. 75 [Acessado 4 Dezembro 2022], pp. 269-273. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622008000200008>>. Epub 26 Set 2008. ISSN 1678-7110. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622008000200008>.

VITALIANO, Célia Regina. **Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.** SciELO-EDUEL, 2010.